

Líbano

# O Partido de Deus na política

Pesquisa ODI

**A crise do assassinato do ex-primeiro-ministro Hariri parece ter revelado ao mundo uma face do Hizbollah, organização qualificada como terrorista pelos EUA e outros países, ainda pouco conhecida**

Renato Pompeu

Passado um mês e meio do atentado que matou o ex-primeiro-ministro libanês Rafic Hariri em meados de fevereiro, o crime ainda não havia sido solucionado. Investigações realizadas pelas autoridades libanesas – e criticadas por um representante das Nações Unidas – apontavam como autor do ato terrorista que liquidou Hariri e nove de seus assessores um suicida, que dirigia um caminhão carregado de explosivos. A oposição – formada principalmente por cristãos, mas com a participação de sunitas e xiitas – discordava dessa suposição e afirmava que o atentado fora muito bem organizado, o que indicaria que tinha o dedo de gente do setor de inteligência, provavelmente da Síria.

A idéia de que o governo sírio estaria por trás do crime se baseia no fato de que Hariri, nos últimos tempos, se opunha à presença dos cerca de 15 mil soldados sírios no país, remanescentes dos tempos da guerra civil libanesa. Com base em raciocínio parecido, no entanto, há quem enxergue no crime não a mão da Síria, mas de serviços secretos de outros países, uma vez que, por diversas razões, mas principalmente para não se expor como patrocinador de atos terroris-

tas, o regime de Damasco não teria interesse em envolver-se no assassinato. Nesse caso, segundo esse ponto de vista, os maiores beneficiados com a situação criada com o atentado seriam EUA e Israel.

Embora seja pouco provável que se prove convincentemente a autoria da morte de Hariri, o que importa é que seu desaparecimento desencadeou uma série de manifestações de rua, envolvendo dezenas de milhares de pessoas, a maior parte das quais convocada pela oposição, que exigiu a saída dos soldados sírios do país. Essa enorme pressão levou até à renúncia do primeiro-ministro pró-sírio Omar Karami, que acabou reconduzido ao poder dias depois, com aprovação do Parlamento. Uma das maiores e mais surpreendentes manifestações realizadas em março, entretanto, foi organizada não pela oposição, mas pelo grupo Hizbollah (ao alto), simpático à Síria, e que mobilizou cerca de 500 mil pessoas em favor do governo. O Hizbollah, palavra que significa Partido de Deus em árabe, é uma organização política e militar fundada em 1982, por religiosos muçulmanos xiitas, para combater os israelenses. O grupo lutou também, nos anos 1980, contra for-

ças dos EUA, França e Itália, chamadas de “estabilização”, que intervieram na guerra civil que eclodiu no Líbano em 1975. Hoje, no entanto, a face militar do Hizbollah brilha menos, já que o grupo parece dar ênfase maior à atuação política.

**Guerra civil** O Hizbollah é um fruto da guerra civil. Esse conflito alinhou, de um lado, muçulmanos e drusos, favoráveis aos 300 mil palestinos refugiados no país – a Organização da Libertação da Palestina mantinha sua sede e suas tropas no Líbano, desde que fora expulsa da Jordânia anos antes – e que constituíam a esquerda libanesa, e, de outro, cristãos, contrários aos palestinos e considerados de direita. A Síria envolveu-se na guerra em 1976, paradoxalmente com o pretexto de proteger os cristãos. Com o prolongamento do conflito, no entanto, os próprios cristãos passaram a opor-se à intervenção síria. E assim, em junho de 1982, apoiaram a intervenção de Israel, cujas forças chegaram até Beirute, de onde expulsaram a direção e grande parte dos militantes da OLP, que se refugiaram na Tunísia.

O Hizbollah surgiu para expulsar os israelenses da “faixa de segurança” de

20 km que Israel estabeleceu ao longo da fronteira sul do Líbano. Por 18 anos, milícias do grupo xiita e soldados israelenses disputaram o controle dessa área, até que, em maio de 2000, Telaviv decretou uma retirada unilateral. A resistência bem-sucedida a uma das mais poderosas forças bélicas do planeta rendeu ao Hizbollah enorme prestígio entre os árabes e no mundo islâmico em geral. O grupo ganhou também o respeito da grande maioria dos libaneses, apesar de representar apenas os 40% da população que são xiitas. O presidente Êmile Lahoud, por exemplo, que é cristão pró-sírio, refere-se ao Hizbollah como “um movimento de resistência nacional”.

Mas o Partido de Deus é considerado organização terrorista por países importantes, como EUA, Reino Unido, Canadá e Austrália. O Departamento de Estado americano, por exemplo, acusa-o por vários atos de terrorismo, como os atentados suicidas com caminhões-bomba que mataram 241 fuzileiros-navais americanos no Líbano em

ta. Além disso, a União Européia também decidiu proibir, em seus territórios, as transmissões da TV do grupo, a *Al Manar*, por suas afirmações antijudaicas. Embora tenha emitido comunicados de apoio a atentados suicidas cometidos por organizações palestinas como o Hamas em Israel, o Hizbollah nega as acusações feitas pelos EUA – além disso, o grupo condenou publicamente os ataques terroristas de 11 de Setembro.

**Sustento de 60 mil** O Hizbollah atua na política institucional desde 1992, participando das eleições parlamentares. Na atual legislatura, estima-se que tenha até 13 representantes no Parlamento. A falta de certeza decorre das peculiaridades da política local. Os 128 membros da Assembléia Nacional libanesa não são eleitos como representantes de partidos, embora estes existam, e sim dos grupos religiosos e das regiões. A Assembléia é sempre composta por metade de cristão e metade de muçulmanos e das 64 cadeiras reservadas a estes, 27 são destinadas aos xiitas.

No campo da assistência social, o Hizbollah mantém uma rede de hospitais, escolas e orfanatos e é particularmente ativo no vale do Bekaa, na periferia sul de Beirute e no sul do Líbano em geral. O grupo recebe apoio financeiro principalmente do Irã, mas conta também com

fundos próprios, inclusive com empresas. Segundo artigo publicado na revista britânica *The Observer*, de autoria de Peter Beaumont, o grupo injeta dinheiro na parte mais pobre da sociedade libanesa, da qual fazem parte os xiitas. Com o dinheiro proveniente das empresas, diz o artigo, o Hizbollah “sustenta 60 mil pessoas – a maior parte do sul do país, que não recebe investimentos de longo prazo – entre elas guerrilheiros e administradores que ganham de US\$

300 a US\$ 600 por mês”.

Em 2003, o Hizbollah divulgou um documento comprometendo-se a só utilizar meios pacíficos e democráticos para conseguir mudanças políticas no Líbano. Embora não abra mão de seu objetivo político de longo prazo – de instaurar um Estado islâmico semelhante ao do Irã – o grupo considera que isso pode ficar para depois. Explica-se: embora os xiitas sejam atualmente o maior grupo populacional libanês, são superados pelo conjunto das demais parcelas – muçulmanos sunitas, drusos, alauítas e cristãos – que chegam a 60% dos libaneses. Assim, como o Hizbollah julga necessário o consentimento da população para estabelecer um Estado em bases islâmicas, esse objetivo é deixado para bem mais tarde – quem sabe, quando os xiitas, cujo crescimento demográfico é maior que os demais grupos, se tornem maioria.

**Dinâmica flexível** Segundo Nizar Hamzeh, Universidade Americana de Beirute, mencionado no artigo de *The Observer*, “o Hizbollah tem uma reputação de ser rígido, mas já mudou seus objetivos e tem uma dinâmica flexível”. Hamzeh lembra que “ninguém nos anos 1980 poderia imaginar que o Hizbollah poderia acabar no Parlamento”.

Essas mudanças parecem ter produzido efeitos importantes no plano da política internacional. Em plena crise libanesa, o presidente americano, George W. Bush, mostrou-se impressionado e declarou-se disposto a reconhecer o grupo xiita como partido político e retirá-lo da lista de organizações terroristas. A condição, disse o dirigente americano, é que o Hizbollah cumpra o que determinou a Resolução 1.559 do Conselho de Segurança da ONU, aprovada no ano passado, que exige, além da retirada das forças sírias do Líbano, a desmobilização de todas as milícias do país. A primeira parte das exigências impostas pela Resolução está em andamento desde meados de março – a maior parte das forças libanesas, incluindo o Hizbollah, é favorável, em grau maior ou menor, à saída dos sírios. O problema está na segunda parte. A flexibilidade do Partido de Deus, tudo indica, ainda parece não ter chegado ao ponto de satisfazer os desejos de Bush. ■



Os presidentes da Síria, Bashar al Assad, e do Líbano, Êmile Lahoud, definiram cronograma para a retirada das forças sírias, sob pressão da ONU e da oposição

1983 e 24 cidadãos americanos na Embaixada americana em Beirute em 1984. Consta da lista ainda o atentado a bomba, de 1994, contra um centro comunitário judaico em Buenos Aires, com 95 mortes.

Até recentemente a União Européia só considerava terrorista uma ala militar do Hizbollah que atua apenas no exterior, a Organização de Segurança Externa. Mas em março, o Parlamento Europeu votou maciçamente para classificar todo o Hizbollah como terroris-